



Nuno Costa Santos

Crónicas do Corpo Santo

A Indecisa Nuvem das Caldeiras

Furnas. Numa casa sobre o vale, onde passamos uns dias, entre a recuperação de filmagens e o fecho de um livro. Acordo cedo e assisto a esplendoroso espectáculo matutino: o lento movimento da nuvem de fumo das caldeiras em direcção a uma de duas estradas - a que segue para a Ribeira Quente ou a outra, que vai para a Povoação. Nunca se sabe o caminho escolhido. A nuvem esfumar-se-á para não ter de tomar uma decisão. Faria o mesmo. Há desmesurada beleza nos dois caminhos.

Ao chegarmos, há cerca de uma semana, a este misto de retiro e escritório verdejante na zona do Estaleiro, topámos um cartaz que anuncia uma construção. Informa de uma novíssima estrada esse cartaz. Vai passar pelo lado esquerdo do vale (visto daqui) para fazer uma ligação (mais) directa entre as Furnas e a Povoação. A imagem da via rápida em linha recta vem com uma legenda "Melhoria acessibilidades Furnas -Povoação/ 1.ª Fase - Variante às Furnas".

Impossível não ficar quebrado entre o sentimento de compreensão para com a necessidade de, por motivos diversos, melhorar acessos e a vontade de não ver este recanto poluído pelos escapes e por uma banda sonora distante deste silêncio, do desenho sempre improvisado desta nuvem, da liberdade de quem cá vive respirar um ar aberto, de poucas máculas. Não haverá outra hipótese de encurtar a distância? É preciso um asfalto tão sofisticado, capaz de furar montes e perturbar florestas? Existirão hipóteses para além desta? Enquanto caem as perguntas e as dúvidas, cresce a urgência de aproveitar este sítio enquanto permanece como está. Casa de privilegiados seres. Refúgio apetecido para muitas criaturas em qualquer altura do ano. Observatório dos humores da vulcânica nebulosidade. Rara vista para o aconchego da terra, por agora, só habitado pela respiração do povoado.

Várias memórias das Furnas. Do crescimento adolescente e pós-adolescente, entre amigos, numa casa junto à Lagoa. Discos, livros, namoros, passeios, festas. Da Páscoa no Hotel Terra Nostra com os meus avós paternos e a minha irmã. Levados

por eles, aí nos fixávamos durante uns dias, a passear pelo parque, a conversar e a jogar damas com os rapazes e raparigas da nossa idade. Também havia vagas e desajeitadas partidas de ténis no campo junto ao casino, muitas delas interrompidas pela meteorologia. E almoços e jantares no restaurante do hotel - cada família na sua mesa, acenando e sorrindo quando chegava, despedindo-se quando regressava aos quartos.

Descem mais questões. Que Furnas haverá no futuro, quando formos avós? Que lugares abrigados do ruído do mundo, ora com chuva miudinha ora atravessados por um sol franco e primaveril? Territórios onde se suspendem afazeres e noticiários e se pode apenas estar com os nossos, como se não houvesse mais nada, mesmo mais nada, para além disso.

Volto ao Estaleiro. Temos estado a maior parte do tempo em casa. Mas já demos alguns passeios. Fomos à Povoação, desfrutando da sua estrada para além de todas as adjectivações e de numerosas curvas, motivadoras de balanços muitos. Que se vá devagar, devagarinho. Chegados, atravessámos a vila e subimos a Lomba do Loução, território onde, pelo lado materno, mora parte importante das minhas raízes. Descobrimos uma cascata (que bom encontrar nestas ilhas recantos ainda por descobrir!) Percorremos a cada vez mais celebrada Avenida dos Plátanos. Ainda na vila, antes de galgar a lomba, aproximámo-nos do mar e espreitámos aquilo que os meus bisavós chamavam "A Costa", lugar visitado em calendário estival para se receber as correntes salgadas do Verão.

Noutro dia, seguimos para a Lagoa do Congro, com o objetivo de descer a cratera do maciço vulcânico da Achada das Furnas, entre os vulcões das Furnas e do Fogo. Fomos até lá abaixo, como quem se aproxima de um desumanizado paraíso, de um céu terrestre, ainda intocado, Natureza bruta e ao mesmo tempo terna, com vegetação exótica importada por espírito curioso e refrescada por ares de nascentes e riachos. O nome, esse, é uma homenagem ao primeiro dono, André Gonçalves

Sampaio, conhecido como "o Congro", peixe que se distribui pelas profundezas de vários mares.

No percurso, no qual nos cruzámos com algumas árvores caídas, recordámos uma radiante caminhada com os nossos filhos pequenos, em dia bem mais lamacento. Pedem para repetir. Agora vamos só os dois, levados por essa boa memória. Chegamos à lagoa. Ao nosso lado, um casal, homem e mulher na casa dos vinte (ou trinta), trocam uma palavra viva e despreziosa e divertem-se a tirar fotografias, acompanhados de um cão saltitante, animadíssimo com as águas que se lhe oferecem para um banho.

Na ida de carro para a Lagoa avistámos a ilha de Santa Maria. Nunca a tinha visto tão nitidamente aqui. Felicidade esta de, em São Miguel, experimentar a emoção arquipelágica, mais escassa. Volto a abrir a galeria do telemóvel e revejo a fotografia. Debaixo de um céu nublado mas leve (também os há), a ilha amarela surge em azulada tonalidade. Acompanho a extensão da ilha e detenho-me no Pico Alto. Tiramos fotos. Partilhamos o registo. Sentimo-nos, ainda mais, parte de uma família insular.

Um episódio antes da ida para as Furnas, quando comprávamos mantimentos. Na fila do hipermercado, uma mulher de fato de treino. Falava alto ela, discurso solto e improvisado. Ria-se, dançava, divertia as funcionárias. Reparei que a mulher trazia na mão uma garrafa de whisky. Sacou do cartão e pagou. Gesto muito rápido o de abrir a garrafa e dar um gole. Ficou, de súbito, eufórica, com aquele sentimento de que, ébria, conseguia tudo do mundo. "Já matei o bicho", disse e voltou a rir-se. Com ela riram-se todas as funcionárias. Até a chefe, que se aproximou, de mãos recolhidas, e ficou a olhar para ela, com sabedora compreensão. Como quem pensa: "O melhor é rir, em vez de repreender, porque deste festim não sairá a prevaricadora". Antes de pagar, penso no alcoolismo, assunto grave no arquipélago. Que ninguém se esqueça de que o é.



Alexandra Manes *

O palco do Governo Regional

anunciando o corte nos apoios sociais - RSI.

Foi o mote para que se sucedessem comentários carregados de ódio aos pobres, para se invadir a privacidade alheia e divulgar fotos de tatuagens de algumas pessoas desta freguesia, por exemplo.

Ninguém se lembrou foi de que, muitas vezes, o mar é o último recurso - o fim de linha - para muitas destas pessoas e que nem sempre o mar permite que se coloque comida na mesa.

Estão a ser feitos centenas de testes rápidos ao vírus da Covid-19. Claro que faz bem em testar, pois é forma que se tem de conhecer a realidade, de se tratar as pessoas infetadas e tentar evitar maior número de contágios.

Lamentável é o folclore mediático criado à vol-

ta dessas pessoas. Já não lhes bastava o estigma do RSI, como ainda servem de campanha de prestação de contas do trabalho que está a ser desenvolvido. Hoje servem para mostrar trabalho da coordenação de saúde. Amanhã voltam a ser os denominados mandros do RSI.

Um governo deve proteger a população e não expor como está a permitir que aconteça.

Resta saber se a testagem ocorrerse num bairro, avenida ou zona "in", se o mesmo aconteceria.

Um bem haja a todos/as profissionais de saúde que se encontram na linha da frente!

*Deputada à ALRAA pelo BE

Rabo de Peixe é a freguesia mais populosa dos Açores e, neste momento, tem os seus acessos condicionados pela imposição de uma cerca sanitária. Sai e entra quem tem uma justificação para tal.

Nos últimos tempos, Rabo de Peixe e a sua população tornaram-se no foco das atenções. Inicialmente, pelo facto dos partidos, que se arrogam de democratas e democratas cristãos, ofuscados pela possibilidade de governar os Açores, terem decidido embarcar no populismo de quem, no Terreiro do Paço, necessitava de palco para a sua campanha presidencial,